

A piada mais engraçada do mundo

Cientistas desenvolveram site em que pessoas de vários países podiam inserir suas anedotas preferidas e avaliar pequenos textos cômicos deixados por outros participantes,- os pesquisadores comprovaram: nem todos acham graça nas mesmas coisas

POR RICHARD WISEMAN

CONCEITOS-CHAVE

- Para estudar o humor, cientistas organizaram, pela internet, uma coletânea de piadas (e avaliações delas) no decorrer de um ano com o propósito de analisá-las cientificamente. Participantes deveriam classificar cada história cômica segundo uma escala de cinco pontos, as que recebiam notas mais baixas seriam as de "menor graça", as mais engraçadas recebiam 4 e 5.

- Ao fim do experimento, os estudiosos haviam reunido 40 mil textos cômicos, avaliados por mais de 350 mil pessoas de 70 países. Os pesquisadores chegaram a piada "vencedora", com a qual a maioria das pessoas sorri (e que teve aprovação de 55% dos voluntários). Mas os próprios cientistas reconhecem que ela leva muito poucos a uma verdadeira gargalhada. Ou seja, mais que aprovada, ela foi menos rejeitada.

E concluíram: nenhuma cena, frase, história ou ideia cômica pode alegrar todos, igualmente, ao riso. Bloqueando a transmissão.

Entre os filmes da série de comédias *Flying) circus*, do grupo Monty Python, foi produzido, na década de 70, um esquete que girava exclusivamente em torno da ideia de encontrar a piada mais engraçada do mundo. Ele se passava nos anos 40: um homem chamado Ernest Scribbler inventa a piada, escreve-a e morre de rir em seguida. A piada revela-se tão engraçada que mata imediatamente qualquer um que a leia. Então, o exército britânico descobre que pode utilizá-la como arma letal e um grupo é encarregado de traduzir a anedota para o alemão. Cada um, porém, traduz somente uma palavra, para que a anedota não influencie o tradutor. Por fim, a piada é lida em voz alta para os soldados alemães, que não conseguem mais lutar de tanto rir. No final do quadro, é mostrada a filmagem de uma reunião excepcional da Convenção de Genebra em que os delegados decidem banir as piadas da guerra.





ILUSTRAÇÃO DO LIVRO *Sigmund Freud*, do artista plástico Ralph Steadman, que apresenta aspectos da vida e obra do criador da psicanálise, com base no texto *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*, de 1905

Como pesquisador, eu mesmo vivi um exemplo de como a vida às vezes imita a arte. Em junho de 2001, recebi um pedido da Associação Britânica para o Avanço da Ciência (BAAS). A venerável instituição queria criar um projeto que se tornasse o ponto central de uma celebração científica nacional com duração de um ano. Devia ser um grande experimento que despertasse a atenção do público. Depois de descartar algumas ideias, vi por acaso uma reprise do esquete do

Monty Python do Ernest Scribbler e me veio então a ideia de procurar a piada mais engraçada do mundo. Sempre que falava com outras pessoas sobre minha proposta, provocava uma longa discussão. Alguns perguntavam se algo assim realmente poderia existir. Outros achavam que era impossível analisar cientificamente o humor. E quase todos foram muito simpáticos, contando-me sua piada favorita.

Para desenvolver o projeto internacional, chamado *LaughLab*, foi desenvolvido um website, composto de dois ambientes virtuais. Em um deles, as pessoas deviam inserir sua piada preferida, que seria gravada em um arquivo. No outro, os visitantes da página podiam responder a algumas perguntas simples a seu respeito (sexo, idade e nacionali-

Para Freud, o humor funciona como uma espécie de válvula de escape psicológica: impede a pressão do recalque e nos ajuda a lidar com as angústias inevitáveis

dade) e então avaliar o quão engraçadas achavam diversas anedotas escolhidas aleatoriamente no arquivo.

Dessa forma, montaríamos uma coletânea enorme de piadas e avaliações no decorrer de um ano e poderíamos, então, analisar cientificamente o que levava diferentes grupos ao riso e o que, talvez, fizesse o mundo inteiro cair na risada. No início, o website foi um grande sucesso: já nas primeiras horas, tínhamos juntado mais de 500 piadas e 10 mil opiniões. Os participantes deveriam avaliar cada história cômica segundo uma escala de cinco pontos que ia desde "sem a menor graça" até "muito engraçada", que englobava as notas 4 e 5.

No final da primeira semana, examinamos as inserções. Concluímos que grande parte do material era muito ruim e recebeu apenas avaliações medíocres. Mesmo as melhores piadas não atingiram a marca dos 50% de aprovação. Aproximadamente 30% dos participantes acharam as seguintes piadas engraçadas, que ficaram, portanto, no topo da lista:

Uma professora está de mau humor. Diante da classe, diz: "Todos os que se acham burros devem levantar-se agora!". Após alguns segundos, um único garoto levanta-se lentamente. A professora pergunta: "Então, você se acha burro?".

"Não...", responde a criança,

O AUTOR

RICHARD WISEMAN é professor de psicologia na Universidade de Hertfordshire, em Hatfield, em Londres.

- Tradução de Renata Dias Mundt

"... mas tive pena de ver a senhora aí sozinha de pé."

Você já ouviu aquela do homem que estava orgulhoso porque tinha montado um quebra-cabeça em meia hora? Só que na caixa estava escrito "5 a 6 anos".

As anedotas nas posições mais bem-avaliadas têm algo em comum: despertam no leitor algum sentimento de superioridade. E não fomos os primeiros a concluir que as pessoas frequentemente riem quando se sentem acima das outras. Não é difícil encontrar indícios para tal teoria. Na Idade Média, anões e corcundas propiciavam grande diversão,- no período vitoriano, doentes mentais em instituições psiquiátricas e pessoas com deficiências físicas eram consideradas atração.

A teoria da superioridade explica também por que às vezes grupos inteiros são expostos à chacota. Tradicionalmente, ingleses fazem piadas sobre irlandeses, americanos riem de poloneses, franceses dos belgas e, no Brasil, são comuns as disputas entre paulistas e cariocas. Em todos os casos, trata-se de um grupo que quer se sentir melhor à custa de outro.

FORTES INFLUÊNCIAS

Em 1997, o psicólogo Gregory Maio, da Universidade Cardiff, do País de Gales, e seus colegas estudaram o efeito das piadas que "brincam" com a pretensa inferioridade sobre a percepção que se tem dessas pessoas que se tornam "alvo" dos gracejos. O estudo foi feito no Canadá e, por isso, o seu ponto central foi o grupo frequentemente apresentado como intelectualmente limitado pelos canadenses: os terra novenses (ou *newfies*).

Antes do experimento, os participantes foram separados aleatoriamente em dois grupos. Cada voluntário devia contar uma série de piadas para ser gravada sob a alegação de que queriam descobrir quais características faziam com que a voz de uma pessoa soasse



ESQUETE CÔMICA DA SÉRIE *Flying circus*, produzida na década de 70, pelo grupo Monty Python, tinha como tema a busca da melhor anedota, que fizesse qualquer um rir. O problema é que todos que a liam morriam de tanto gargalhar

engraçada ou séria. Os sujeitos de um grupo leram em voz alta anedotas que não tratavam de *newfies* (algumas, por exemplo, foram extraídas do seriado de TV *Seinfeld*). Os do outro grupo, por sua vez, lidaram com clássicas piadas de *newfies* (por exemplo, o conhecido chiste: "Um amigo meu ouviu dizer que a cada minuto uma mulher traz uma criança ao mundo. Ele acha que ela devia parar com isso").

Por fim, todos os sujeitos deviam escrever algumas linhas acerca de sua visão dos terra novenses. Aqueles que haviam acabado de ler piadas sobre *newfies* os classificaram com frequência significativamente maior como inábeis, tolos e lerdos. Os demais, que haviam recitado o material de *Semfeld*, o fizeram de forma mais rara.

Igualmente preocupante é a constatação de que piadas que apelam para o sentimento de superioridade têm efeito surpreendentemente forte sobre a autoimagem das pessoas. O pesquisador Jens Förster, da Universidade Internacional de Bremen, testou

a inteligência de 80 mulheres com cabelos de diversas cores. Metade delas deveria ler piadas nas quais apareciam loiras burras,- em seguida, todas foram submetidas a um teste de inteligência. As que tinham cabelos claros e que haviam lido as piadas tiveram resultado significativamente mais baixo no teste de quociente de inteligência (QI), em comparação com as do mesmo sexo, igualmente loiras, do grupo de controle. Portanto, pode-se partir do princípio de que piadas influenciam potencialmente a autoconfiança e o comportamento das pessoas. Isso é preocupante, pois significa que elas criam um mundo em que os clichés se tornam realidade.

No *LaughLab* logo percebemos como a teoria da superioridade surge na forma da antiquíssima batalha entre os sexos - 25% das mulheres e apenas 10% dos homens acharam engraçada a seguinte piada:

Um homem sobe em uma balança de um parque de diversões que, ao pesar um indivíduo, apresenta informações sobre sua personalidade. "Ouve só", ele diz à mulher, mostrando o cartão. "Aqui está escrito que eu sou enérgico, inteligente, criativo e uma ótima pessoa." A mulher meneia a cabeça-. "Pois é, e o seu peso também está errado".

O motivo pelo qual representantes dos dois gêneros avaliam o texto acima tão diversamente parece muito claro: o alvo é um homem, por isso as mulheres a acham mais interessante. Essa, porém, não é a única interpretação possível. Poderíamos pensar, por exemplo, que as mulheres simplesmente vêem mais graça em piadas do que os homens.

Em um estudo, foram acompanhado durante um ano os risos ocorridos em 1.200 conversas rotineiras. Resultado: 71 % das mulheres riem quando um homem conta algo pretensamente engraçado, mas apenas 39% dos homens

riem quando é a mulher que conta uma piada. Pesquisas mostram que homens contam muito mais piadas que mulheres. Em um estudo clássico, mais de 200 estudantes universitários deviam escrever todas as piadas que ouvissem no decorrer de uma semana, anotando também o sexo da pessoa que a contara. No total, o grupo relatou 604 anedotas, sendo que 60% delas vinham de homens. Segundo a visão de alguns especialistas, essa diferença se deve ao fato de as mulheres evitarem piadas de cunho sexual e que tratem de agressão. Outros buscam a causa para as diferenças na relação entre o ato de

quentemente que os mais ricos e com escolarização elevada.

Fascinado pelo tema humor, Freud escreveu em 1905 o ensaio clássico *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Segundo ele, em linhas muito gerais, todos nós temos pensamentos sexuais e agressivos, mas a sociedade não nos permite vivê-los abertamente. Por isso, os recalamos no fundo de nosso inconsciente e eles só aparecem na análise, por meio da associação livre, no dia a dia, quando cometemos um engano linguístico (os chamados atos falhos), ou em sonhos.

Segundo Freud, as piadas são uma

ções em um casamento sem amor, falta de potência sexual e, naturalmente, da morte. Um exemplo:

Um homem vai a um hospital para ser examinado. Após semanas de testes, o médico lhe diz-. "Eu tenho uma boa e uma má notícia para o senhor". "Qual é a má notícia?", o homem quer saber. "Infelizmente o senhor tem uma doença muito rara e incurável." "Meu Deus, isso é terrível", diz o homem. "E qual é a boa notícia?" "Vamos batizá-la com o seu nome", responde o médico.

VÁLVULA DE ESCAPE

Algumas inserções nos permitiram testar as teorias de Freud. Pessoas mais velhas, em geral, preocupam-se mais com as consequências do envelhecimento - será que elas, portanto, achariam mais graça em piadas sobre perda de memória, por exemplo, em comparação com os mais jovens? Freud provavelmente diria que sim, mas será que nossos dados confirmariam sua afirmação? Nós fizemos uma busca detalhada em nosso arquivo e escolhemos várias piadas que giravam em torno dos problemas do amadurecimento, entre elas, a seguinte:

Um casal de velhinhos é convidado por outro para jantar. Após a refeição, as duas mulheres levantam-se e vão para a cozinha. Os dois senhores continuam conversando. Um deles diz-. "Ontem à noite nós fomos a um novo restaurante muito bom. Eu recomendo." O outro responde-. "Qual é o nome do lugar?". O primeiro homem pensa durante um longo tempo e, por fim, diz-. "Como é mesmo o nome daquela flor que nós às vezes damos para uma mulher quando a amamos? Você sabe... ela é vermelha e tem espinhos." "A rosa?" "Isso", responde. Então ele se vira na direção da cozinha e grita-. "Rosa, como é mesmo o nome do restaurante onde estivemos ontem?"



rir, as piadas e a posição social. Pessoas de nível mais alto normalmente contam mais piadas do que aquelas que pertencem aos estratos mais pobres da população. As mulheres, tradicionalmente, estão em um nível social mais baixo do que os homens e talvez por isso tenham aprendido a rir mais das piadas alheias - e não a contá-las. Curiosamente, essa relação entre posição social e o ato de contar anedotas apresenta uma exceção que diz respeito à autoironia: pessoas de níveis econômico e cultural baixos satirizam a si mesmas mais fre-

espécie de válvula de escape psíquica: impedem que a pressão do recalque se torne grande demais e funcionam como um caminho para lidarmos com o que nos causa medo ou desconforto. Apesar de o próprio Freud denominar-se um cientista, muitas de suas ideias não puderam ser comprovadas em laboratório, apesar de ser possível observá-las na situação analítica. Além disso, é inegável que várias piadas inseridas no *LaughLab* confirmaram suas conjecturas. Elas frequentemente tratavam de temas como stress, prova-

Quem vê o lado cômico da vida costuma sofrer menos infartos ou derrames, sente menos dor em tratamentos dentários e vive até quatro anos e meio a mais que pessoas mais sisudas



Em média, apenas 20% das pessoas com menos de 30 anos acharam graça na anedota. Já no grupo daqueles com mais de 60, metade dos participantes gostaram. A conclusão é clara: rimos de aspectos de nossa vida que consideramos especialmente amedrontadores. Há alguns anos, os pesquisadores Graham Ritchie e Kim Binsted criaram um programa de computador que sabia inventar piadas. Quisemos saber se a máquina conseguia contar piadas mais engraçadas que os homens, portanto, inserimos no *LaughLab* também algumas das melhores anedotas escritas pelo computador. Em sua maioria, elas receberam as piores avaliações de nosso arquivo. Uma piada de computador, porém, revelou-se surpreendentemente bem-sucedida, deixando para trás aproximadamente 250 criadas por pessoas:

Que tipo de assassino tem fibra? Um cereal "killer".

Esse é um exemplo de um tipo básico de piada, que se apoia em um jogo de palavras. A teoria mais simples sobre por que nós achamos tais piadas engraçadas gira em torno do conceito do absurdo. Segundo ela, rimos de coisas que nos surpreendem porque parecem deslocadas. Da mesma forma, consideramos várias piadas engraçadas porque contêm ideias que vão contra nossas expectativas. Em muitas piadas, há também uma ina-

dequação entre o prólogo e o clímax, como no exemplo a seguir:

Dois peixes estão em um tanque. Um vira-se para o outro e diz: "Você sabe dirigir esse negócio?"

A primeira frase traz à cabeça a imagem de dois peixes em um aquário. Mas o clímax surpreende-nos - por que os peixes dirigiriam um aquário? No momento seguinte ocorre-nos que a palavra tanque (*tank*, em inglês) tem dois significados e que os peixes na verdade se encontram em um "tanque de guerra". Solucionamos a contradição e a surpresa repentina nos faz rir. Nós do *LatujhLab* queríamos descobrir o que acontece no cérebro durante esse processo.

Por isso, pedi ajuda ao neurocientista Adrian Owen, de Cambridge. Ele juntou-se ao professor Steve Williams, do Instituto de Psiquiatria. Com o procedimento de imagem por ressonância magnética funcional (IRMf), eles pretendiam examinar o que ocorria no cérebro das pessoas quando riam de algumas das melhores piadas de nosso projeto.

Ficou demonstrado que o hemisfério cerebral esquerdo tem participação decisiva quando construímos o contexto inicial da história (*dois peixes em um tanque*)-, por outro lado, uma pequena área no hemisfério direito fornece a capacidade criativa necessária para o reconhecimento de que a situação descrita também pode ser vista de

outra forma e muitas vezes sob uma perspectiva surreal. (*Um vira-se para o outro e diz: "Você sabe dirigir esse negócio?"*.) Nossos resultados foram compatíveis com outras pesquisas, segundo as quais pessoas com o hemisfério cerebral direito lesionado não compreendem ou não reconhecem aspectos lúdicos da vida. Observem o seguinte início de uma piada e reflitam sobre qual dos três desfechos é o correto:

Em um lugar bastante movimentado, um homem dirige-se a uma mulher e pergunta: "Desculpe, a senhora viu um policial em algum lugar por aqui?". "Sinto muito", diz a mulher, "faz tempo (que não vejo nenhum policial)."

Finais possíveis:

A. *"Então passe já para cá o seu relógio e seu colar."*

B. *"Está bem, mas a senhora sabe, eu já estou procurando um há meia hora."*

C. *"Futebol é meu esporte favorito."*

Naturalmente, a frase A é a correta. A segunda faz sentido, mas não é engraçada. E a terceira não tem sentido nem graça.

Pessoas com lesões no hemisfério cerebral direito escolhem a terceira alternativa com mais frequência do que aquelas com o cérebro saudável. Aparentemente, elas sabem que a piada deve ter um final surpreendente, mas não reconhecem que apenas um desenlace pode ser interpretado coerentemente. Mas essas

pessoas acham engraçadas comédias-pastelão - portanto, não perderam seu senso de humor, porém não percebem por que algumas linhas inadequadas são engraçadas e outras não.

MAIS SANGUE

Pesquisas recentes indicam relação entre riso, índices baixos de stress e bem-estar. Segundo esses resultados, pessoas que lidam com situações desagradáveis ou desafiadoras com humor têm um sistema imunológico mais saudável que as demais: sofrem 40% menos infartos ou derrames, sentem menos dores em tratamentos dentários e vivem quatro anos e meio a mais que as outras. Conforme descobriram cientistas da Universidade Oxford, em 1990, quando uma pessoa assiste a um vídeo com Bill Cosby, a produção da imunoglobulina A, uma substância que contribui decisivamente para a prevenção de infecções nas vias aéreas, intensifica-se na saliva. Os efeitos físicos do riso também foram estudados por pesquisadores como Michael Miller e seus colegas da Universidade de Maryland, que trabalharam em 2005 com a relação entre a capacidade de achar graça no mundo e o fortalecimento das paredes internas dos vasos sanguíneos. Quando esses vasos se expandem, o organismo é melhor suprido de sangue e a circulação torna-se mais estável. Voluntários do estudo assistiram a cenas de filmes que provocavam inquietação e medo (como a primeira meia hora de *O resgate do soldado Ryan*) ou de outros que levavam os espectadores ao riso (como a cena do orgasmo simulado em *Harry e Sally-Feitos um para o outro*). No caso dos filmes que provocavam stress, o suprimento sanguíneo dos sujeitos reduziu-se em 35%, ao assistir às cenas engraçadas, - no

caso de cenas de comédia, subiu em 22%. Devido a esses resultados, os cientistas desse grupo passaram a recomendar aos colegas que rissem pelo menos 15 minutos por dia.

Em vista da utilidade física e psíquica do riso, não é de admirar que alguns cientistas tenham trabalhado com as diferenças entre pessoas para as quais o lado engraçado da vida tem significado mais ou menos importante. Trabalhos especialmente fascinantes nessa área foram desenvolvidos pelo psicólogo Vassilis Saroglou, da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Segundo ele, porém, existe uma incompatibilidade natural entre o fundamentalismo religioso e o humor. Produzir e valorizar este último exige uma sensibilidade para o jocoso, um prazer pelas contradições e uma capacidade de suportar a insegurança. O humor contém também frequentemente uma mistura de elementos que

não se combinam. Ele ameaça a autoridade e apresenta insinuações sexuais. Além disso, o riso inclui a perda, ainda que momentânea, do controle e da disciplina. Para Saroglou, esses elementos estão no polo oposto ao do fundamentalismo religioso: estudos científicos demonstraram que seus seguidores, em geral, valorizam mais atividades sérias, segurança, sensatez, prezam muito o autocontrole, combatem a impulsividade que pode levar ao pecado e preservam a autoridade.

Ansioso por comprovar sua hipótese empiricamente, Saroglou realizou um experimento bastante inusitado. Em uma parte de seu estudo, pediu aos participantes que preenchessem um questionário sobre suas crenças religiosas e explicitassem em que medida concordavam com algumas afirmações - como a de que as forças do mal trabalham constantemente contra verdades divinas.

Em outro experimento parcial foram mostradas aos participantes 24 imagens com diversas situações frustrantes do cotidiano, para que indicassem como reagiriam a elas. Por fim, os coordenadores do experimento avaliaram a presença de indícios de senso humor nas respostas dos participantes. Uma das cartelas, por exemplo, mostrava uma pessoa que tropeçava diante de dois conhecidos e caía. Um amigo perguntava: "Você se machucou?". Uma resposta simples seria: "Não, está tudo bem". Mas "não sei, ainda não cheguei lá embaixo" seria uma reação muito mais bem-humorada. Como previra, Saroglou encontrou uma relação bastante próxima entre o fundamentalismo religioso e o humor: crentes convictos



EXEMPLO DE IRRITAÇÃO:
Dr. House, vivido pelo ator Hugh Laurie, em seriado de TV, tem sempre respostas sarcásticas

Mulheres riem quando
homens fazem papel
de bobos; idosos
divertem-se com anedotas
que tratam da perda de
memória e inseguros
acham graça nas
desventuras dos poderosos



NA IDADE MÉDIA, anões e corcundas eram considerados figuras cômicas tanto pelos nobres quanto pela população

fornecem, sem exceções, respostas muito mais sérias do que outros.

Porém, como quase sempre ocorre quando existem vários fatores envolvidos em uma situação, nesse caso também a causa e o efeito dificilmente são distinguíveis. É admissível que o fraco senso de humor favoreça o cultivo de convicções rígidas. Mas talvez a hipótese de Saroglou também esteja correta e o posicionamento radical impeça que as pessoas vejam o lado lúdico da vida.

Para diferenciar essas duas possibilidades o pesquisador planejou um segundo estudo. Dessa vez, dividiu os sujeitos em três grupos. O primeiro assistiu a uma montagem cômica de shows de comédia franceses, o segundo, a filmagens de orientação religiosa, entre elas, um documentário sobre viagens de peregrinos a Lourdes, cenas de *Jesus de Montreal* e uma discussão entre um jornalista e um monge acerca de valores espirituais. O terceiro grupo não viu filme nenhum e serviu como controle. No final, os sujeitos deviam realizar a mesma atividade anteriormente descrita e dizer algo engraçado.

Os participantes do estudo que haviam visto filmes cômicos demonstraram o dobro de reações bem-humoradas em comparação com o grupo de controle e aqueles que tinham assistido a cenas religiosas se mostraram mais "sérios e comportados". Os resultados

permitem a conclusão de que impressões religiosas realmente impedem as pessoas de aliviar os efeitos negativos da monotonia diária com humor.

A MELHOR DO MUNDO

No final de nosso projeto *LaughLab* havíamos reunido 40 mil textos cômicos avaliados por mais de 350 mil pessoas de 70 países. Consideramos detalhada e cuidadosamente o arquivo e finalmente encontramos a piada vencedora, classificada como engraçada por 55% dos participantes:

Dois caçadores caminham pela floresta quando, de repente, um deles tem um colapso. Parece não respirar e seus olhos estão vidrados. O outro pega seu celular e liga para a emergência. "Meu amigo está morto", diz ofegante. "O que eu faço?" "Fique calmo", diz o homem do outro lado da linha. "Primeiro precisamos saber se ele está realmente morto." Silêncio, então ouve-se um tiro. O outro homem retoma ao telefone e diz: "Ok. Está morto. E agora?"

Após um ano, a busca pela piada mais engraçada do mundo havia chegado ao fim - mas pairava uma dúvida: será que realmente tínhamos encontrado? Sinceramente? Eu não acredito que ela exista. Se tiramos alguma lição de nossa pesquisa sobre o humor é que pessoas diferentes acham graça em coisas diferentes. Mulheres riem de piadas nas quais os homens fazem papel de bobos. Idosos divertem-se com anedotas que tratam da perda de memória e de problemas de audição. Inseguros acham graça nas desventuras dos poderosos. Mas uma coisa é certa: nenhuma piada leva todos igualmente ao riso.

Tenho a convicção de que o que realmente descobrimos foi a piada mais desprovida de conteúdo em todos os sentidos - um gracejo do qual todos sorriem, mas que leva muito poucos a uma alta gargalhada. Mas como ocorre frequentemente na área de pesquisas, aqui também o percurso foi mais importante que o ponto de chegada.

PARA CONHECER MAIS

Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud. Monique Schneider, Escuta, 1988.

O humor. Sigmund Freud. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago, 2006.

Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). Sigmund Freud. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago, 2006.

LaughLab: <http://laughlab.co.uk/>